



A Santa Sé

CELEBRAÇÃO DAS PRIMEIRAS VÉSPERAS DO ADVENTO

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica Vaticana

Sábado, 1º de Dezembro de 2007

Caros irmãos e irmãs

O Advento é, por excelência, o tempo da esperança. Cada ano, esta atitude fundamental do espírito desperta no coração dos cristãos que, enquanto se preparam para celebrar a grande festa do nascimento de Cristo Salvador, reavivam a expectativa da sua vinda gloriosa no fim dos tempos. A primeira parte do Advento insiste precisamente sobre a *parusia*, sobre a última vinda do Senhor. As antífonas destas primeiras Vésperas estão totalmente orientadas, com diversos matizes, para esta perspectiva. A breve Leitura, tirada da primeira Carta aos Tessalonicenses (cf. 5, 23-24), faz referência explícita à vinda final de Cristo, recorrendo precisamente ao termo grego *parusia* (cf. v. 23). O Apóstolo exorta os cristãos a conservarem-se irrepreensíveis, mas sobretudo encoraja-os a terem confiança em Deus, que "é fiel" (v. 24) e não deixará de realizar a santificação naqueles que corresponderem à sua graça.

Toda esta liturgia vespertina convida à esperança indicando, no horizonte da história, a luz do Salvador que há-de vir: "Nesse dia brilhará uma grande luz" (2ª ant.); "O Senhor virá em toda a sua glória" (3ª ant.); "O seu esplendor enche o universo" (Antífonas ao *Magnificat*). Esta luz, que promana do futuro de Deus, já se manifestou na plenitude dos tempos; por isso, a nossa esperança não está desprovida de um fundamento, mas alicerça-se num acontecimento que se insere na história e, ao mesmo tempo, excede a história: trata-se do acontecimento constituído por Jesus de Nazaré. O evangelista João aplica a Jesus o título de "luz": é um título que pertence a Deus. Com efeito, no Credo nós professamos que Jesus Cristo é "Deus de Deus, Luz de Luz".

Ao tema da esperança desejei dedicar a [minha segunda Encíclica](#), que foi publicada ontem. É-me grato oferecê-la idealmente a toda a Igreja neste primeiro Domingo de Advento a fim de que, durante a preparação para o Santo Natal, as comunidades e os fiéis individualmente possam lê-la

e meditá-la, para assim redescobrir *a beleza e a profundidade da esperança cristã*. Com efeito, ela está ligada inseparavelmente ao conhecimento do rosto de Deus, aquele rosto que Jesus, o Filho unigênito, nos revelou mediante a sua encarnação, através da sua vida terrena e da sua pregação e, sobretudo, com a sua morte e ressurreição. A esperança verdadeira e segura está fundamentada na fé em Deus Amor, Pai misericordioso, que "amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu único Filho" (*Jo 3, 16*), a fim de que os homens e, juntamente com eles, todas as criaturas, possam ter vida em abundância (cf. *Jo 10, 10*). Por conseguinte, o Advento é um tempo favorável para a redescoberta de uma esperança não vaga nem ilusória, mas certa e confiável, porque está "ancorada" em Cristo, Deus feito homem, rochedo da nossa salvação.

Desde o início, como sobressai do Novo Testamento e é acentuadamente assinalado pelas Cartas dos Apóstolos, uma nova esperança distinguia os cristãos daqueles que viviam a religiosidade pagã. Escrevendo aos Efésios, São Paulo recorda-lhes que, antes de abraçar a fé em Cristo, eles viviam "sem esperança e sem Deus neste mundo" (2, 12). Esta expressão parece mais actual do que nunca, por causa do paganismo dos nossos dias: podemos referi-la de modo particular ao nihilismo contemporâneo, que corroi a esperança no coração do homem, induzindo-o a pensar que dentro dele e ao seu redor reina o vazio: nada antes do nascimento, nada depois da morte. Na realidade, quando falta Deus, falta a esperança. Tudo perde a sua "consistência". É como se viesse a faltar a dimensão da profundidade e todas as coisas permanecem niveladas, desprovidas do seu relevo simbólico, da sua "saliência" em relação à simples materialidade. Está em jogo a relação entre a existência aqui e agora, e aquilo que denominamos "além": não se trata de um lugar aonde terminaremos depois da morte; ao contrário, é a realidade de Deus, a plenitude da vida para a qual cada ser humano está, por assim dizer, orientado. A esta expectativa do homem, Deus respondeu em Cristo com o dom da esperança.

O homem é a única criatura livre de dizer "sim" ou "não" à eternidade, ou seja, a Deus. O ser humano pode apagar em si mesmo a esperança, eliminando Deus da sua própria vida. Como é que isto se pode verificar? Como pode acontecer que a criatura "feita por Deus", intimamente orientada para Ele, a mais próxima do Eterno, possa privar-se desta riqueza? Deus conhece o coração do homem. Sabe que quem O rejeita não conheceu o seu verdadeiro rosto, e por isso não cessa de bater à nossa porta, como peregrino humilde em busca de hospitalidade. Eis por que motivo o Senhor concede um novo período à humanidade: a fim de que todos possam chegar a conhecê-lo! Este é também *o sentido de um novo ano litúrgico que tem início*: é uma dádiva de Deus, que deseja novamente revelar-se no mistério de Cristo, mediante a Palavra e os Sacramentos. Através da Igreja, deseja falar à humanidade e salvar os homens de hoje. E fá-lo, indo ao seu encontro para "procurar e salvar o que estava perdido" (*Lc 19, 10*). Nesta perspectiva, a celebração do Advento é a resposta da Igreja Esposa à iniciativa sempre nova de Deus Esposo, "que é, que era e que há-de vir" (*Ap 1, 8*). À humanidade que já não tem tempo para Ele, Deus oferece mais tempo, um novo espaço para que volte a entrar em si mesma, a fim de que se ponha novamente a caminho, para reencontrar o sentido da esperança.

Eis, então, a descoberta surpreendente: a minha, a nossa esperança é precedida pela expectativa que Deus cultiva a nosso respeito! Sim, Deus ama-nos e precisamente por este motivo espera que nós voltemos para Ele, que abramos o nosso coração ao seu amor, que coloquemos a nossa mão na sua e nos recordemos que somos seus filhos. Esta expectativa de Deus precede sempre a nossa esperança, exactamente como o seu amor nos alcança sempre primeiro (cf. *1 Jo 4, 10*). Neste sentido, a esperança cristã chama-se "teologal": Deus é a sua fonte, o seu ponto de apoio e o seu termo. Que grande consolação há neste mistério! O meu Criador inseriu no meu espírito um reflexo do seu desejo de vida para todos. Cada um dos homens é chamado a esperar, correspondendo à expectativa que Deus tem acerca dele. De resto, a experiência demonstra-nos que é precisamente assim. O que é que faz progredir o mundo, a não ser a confiança que Deus tem no homem? É uma confiança que encontra o seu reflexo nos corações dos pequeninos e dos humildes quando, através das dificuldades e dos afãs, se comprometem todos os dias a fazer o melhor que podem, a realizar o pouco de bem que contudo aos olhos de Deus é muito: na família, no lugar de trabalho, na escola e nos vários âmbitos da sociedade. No coração do homem a esperança está inscrita de maneira indelével, porque Deus nosso Pai é vida, e é para a vida eterna e bem-aventurada que nós fomos criados.

Cada criança que nasce é sinal da confiança de Deus no homem e é uma confirmação, pelo menos implícita, da esperança que o homem nutre por um futuro aberto à eternidade de Deus. A esta esperança do homem, Deus respondeu nascendo no tempo como pequeno ser humano. Santo Agostinho escrevia: "Poderíamos pensar que a vossa Palavra se tinha afastado da união com o homem e desesperado de nos salvar, se não se tivesse feito homem e habitado entre nós" (*Conf. X, 43, 69, cit. in Spe salvi, 29*). Então, deixemo-nos orientar por Aquela que trouxe no coração e no ventre o Verbo encarnado. Ó Maria, Virgem da expectativa e Mãe da esperança, reaviva em toda a Igreja o espírito do Advento, para que a humanidade inteira volte a pôr-se a caminho rumo a Belém, onde veio e onde virá de novo para nos visitar o Sol que nasce do alto (cf. *Lc 1, 78*), Cristo nosso Deus. Amém.

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana